

O QUE HÁ DE INGÊNUO NA CIÊNCIA? HUSSERL E A MALDIÇÃO DA EPISTEMOLOGIA

[WHAT'S NAIVE ABOUT SCIENCE? HUSSERL AND THE CURSE OF EPISTEMOLOGY]

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva

claudinei.silva@unioeste.br

<https://orcid.org/0000-0002-9321-5945>

Na área de Filosofia, realizou estágio pós-doutoral na Université Paris I/Panthéon-SORBONNE (2011-2012), doutorado na UFSCar (2007), mestrado na UNICAMP (2000), graduação na UNIOESTE (1994) e no IFA (1990). Foi Acadêmico Bolsista (1992-1994) e Tutor (2013-2016) do PET (Programa de Educação Tutorial) do Curso de Filosofia da UNIOESTE, instituição em que atua como Docente na Graduação e Pós-Graduação (Stricto Sensu) sendo, nessa última, o Coordenador (2019-2021). Além de organizar dossiês temáticos (em periódicos) e 14 livros, é autor de 2 livros, vários capítulos de livros, artigos, resenhas, traduções, entre outros trabalhos. Dentre as obras traduzidas, destacam-se, em especial, de Gabriel Marcel, os 'Fragmentos Filosóficos (1909-1914)' (Edunioeste, 2018) e 'Os Homens Contra o Humano' (Edunioeste, 2023) e, de Georges Politzner, 'A Crise da Psicologia Contemporânea' (Edunioeste, 2027). É Editor-Fundador da Revista DIAPHONÍA/UNIOESTE (Qualis.CAPES/A4), Editor Co-fundador Associado da Revista PHENOMENOLOGY, HUMANITIES AND SCIENCES - PHS (Qualis.CAPES/A1) e integrante do conselho científico de editoras e periódicos nacionais e internacionais. É membro da Association International 'Présence de Gabriel Marcel' de Paris, do CEMODECON/IFCH/UNICAMP, do Núcleo de Pesquisa em Fenomenologia (UEL), membro fundador do GT Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos (ANPEPP) e do GT Fenomenologia (ANPOF). Entre 2018 e 2024 foi o Coordenador Geral do GT Fenomenologia (ANPOF). Também é o Líder do Grupo de Pesquisa QULASMA certificado pelo CNPq, via UNIOESTE. É Pesquisador Bolsista de Produtividade da Fundação Araucária (PQ/FA). Ademais, tem participado tanto de programas midiáticos em plataformas digitais envolvendo palestras, mesas redondas e entrevistas quanto mantido vínculo com diversas redes de pesquisa a partir das seguintes correntes e autores: Tradição fenomenológico-existencial (especialmente, Gabriel Marcel, Merleau-Ponty, Sartre/Beauvoir, Levinas); Pensamento latino-americano (Lima Vaz, Bento Prado Jr, Enrique Dussel, Sirio L. Velasco), Literatura, Psicanálise e os trabalhos clínicos de Kurt Goldstein e F. J. J. Buytendijk. Focos temáticos: corpo, desejo, linguagem, ideologia, éthos, natureza e obra de arte.

DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7598](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7598)

Recebido em: 27 de novembro de 2025. Aprovado em: 10 de dezembro de 2025

Caicó, ano 18, n. 2, 2025, p. 131-152

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7598](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7598)

Dossiê Edmund Husserl



O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

Resumo: O artigo procede a um escrutínio da noção husserliana de “ingenuidade” tanto em matéria de ciência quanto de filosofia. Sob tal ângulo, trata-se de diagnosticar no seio de nossa cultura no Ocidente o sintoma de um mal-estar que parece se instalar irremediavelmente. Husserl identifica, com precisão cirúrgica, o ponto nevrálgico de tal fenômeno consubstanciado, pois, no objetivismo da ciência. É o naturalismo objetivista que constitui, aos seus olhos, a origem da crise que a acompanha como uma “maldição”, a saber, a “maldição da epistemologia”.

Palavras-chave: Husserl. Ciência. Ingenuidade. Crise. Fenomenologia transcendental. Cultura.

Abstract: This article examines Husserl’s notion of “naiveté” in both science and philosophy. From this perspective, it attempts to diagnose within our Western culture the symptom of a malaise that seems to be irremediably entrenched. Husserl pinpoints, with surgical precision, the neuralgic point of this phenomenon, embodied in the objectivism of science. It is objectivist naturalism that, in his eyes, constitutes the origin of the crisis that accompanies it as a “curse”, namely, the “curse of epistemology”.

Keywords: Husserl. Science. Naiveté. Crisis. Transcendental phenomenology. Culture.

INTRODUÇÃO

No cenário das origens da filosofia contemporânea, o diálogo para com a ciência não assume o mesmo status que no século XVII, ou seja, o de uma “imensa ciência feita nas coisas” ou certo “acordo implícito” entre a ciência e a metafísica conforme configura Merleau-Ponty (1960, p. 185; 186) ao caracterizar esse momento único, privilegiado e, portanto, “rico de uma ontologia viva” (1960, p. 186) como “Grande Racionalismo”. Esse consórcio, aos poucos, foi tendo fim dando, pois, origem no século XIX ao “Pequeno Racionalismo” o que leva, perplexamente Ortega y Gasset (1966, p. 89-90) retratá-lo nos seguintes termos:

Os últimos sessenta anos do século XIX tem sido um dos estágios menos favoráveis à filosofia. Foi uma época antifilosófica. Se a filosofia fosse algo que pudesse prescindir radicalmente, não há dúvida de que, durante esses anos, teria desaparecido por completo.

Tamanho diagnóstico, um tanto assustador, coloca-nos num impasse descomunal, jogando a história quase que num beco sem saída para os caminhos da razão no Ocidente. Ora, é em meio a esse sintomático quadro, na virada de século (XIX-XX), que entra em cena a figura de Husserl; momento esse crucial não só do ponto de vista político, econômico, cultural, mas filosófico, epistemológico. O filósofo alemão inicia sua carreira acadêmica antes como matemático, como um homem formado no ambiente científico do século XIX caricaturado, aliás, como “século de Darwin”. Vale lembrar, como mostrara Foucault (1996), que é nessa atmosfera que se assiste também a insurgência das ciências humanas como é o caso, p. ex., da Sociologia, da Linguística e da Psicologia. Ao aspirar o ideal de cientificidade, tais disciplinas acabam por incorporar, no espírito e na letra, o naturalismo como princípio explicativo e, em larga escala, como cosmovisão de homem e mundo.

Ao mesmo tempo, Husserl é levado a diagnosticar um sintoma *sui generis* que se inflama cada vez mais nessa cosmovisão. A cultura tanto científica quanto filosófica padece de um mal-estar, ou se quiser, de uma forte crise sem precedentes. O ponto nevralgico é a escalada do “objetivismo” que tanto impregnaria as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), para empregar a cara fórmula de Dilthey (1983). Assim procedendo, essas últimas se “calçam” metodologicamente nas próprias ciências naturais e, nessa medida, expõem o seu flagrante “calcanhar-de-aquiles” ao fracassarem em seu intento último. O que há de incontornavelmente sintomático nesse processo é que o objetivismo não só ronda, mas funda as ciências humanas, o que faz com que Husserl se debruce, mais profundamente, sobre o caráter epistemológico das ciências gerais. A dificuldade de princípio, segundo diagnostica ele, é que “esta ideia da objetividade domina a *universitas* inteira das ciências positivas da Modernidade e o sentido da palavra ‘ciência’ no uso corrente da linguagem” (Husserl, 2012, §34, p. 103). É nessa perspectiva que a “*objetividade óbvia* dos resultados *não pode, por isso*, justamente no exercício da atividade científica, *deixar de se tornar um problema*. A ciência carece de uma fundamentação ainda mais profunda a partir de uma reflexão sobre o agir teórico subjetivo, como esclarecimento da sua validade objetiva (2012, p. 337). Ora, signo direto dessa “carência” é a atitude “ingênua” que, não raras vezes, as humanidades têm adotado ao operar de modo dogmático e arbitrário suas pesquisas.

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

Uma vez fundada no objetivismo como princípio regulador, a ciência esquece suas origens e, com isso, mal entrevê a extensão de sua ingenuidade. Ela opera dogmaticamente em nome desse princípio a ponto de as ciências humanas cegamente aderirem a ele como único critério epistemológico. Ora, Husserl, desde cedo, se lança num trabalho crítico-reconstrutivo no sentido de superar tal estados de coisas e reconhece, em seu próprio projeto filosófico – a fenomenologia – o signo radical ou rigoroso dessa tarefa. Tal programa se coloca como uma crítica constante se quisermos, de fato e de direito, renovar a cultura. Com isso, não há como avançar fenomenologicamente um só palmo sem o necessário retorno às coisas mesmas, isto é, sem o imprescindível regresso ao solo desde onde as raízes da ciência toma assento. Isso mostra ainda que o filósofo jamais é indiferente à ciência e quando a censura, critica no sentido não de “invadi-la”, mas de cooperar com ela, fazendo-a olhar-se mais para o interior de si mesma, isto é, para os seus fundamentos. Resta, pois, compreender em que medida o fenomenólogo se autoriza em dizer, por exemplo, que a “ciência é ingênua” e, em função disso, vê-se acometida de uma “maldição” que a persegue e toma corpo com ela, a “maldição da epistemologia”.

A fim de remontar à gênese desse problema posto por Husserl – o problema da “ingenuidade” que perpassa os discursos científico-filosóficos – faz-se mister, para um devido diagnóstico, acompanhar, por mínimo que seja, alguns dos passos ou inflexões do filósofo que considera o movimento de seu pensamento como uma meditação infinita, um árduo trabalho sisífico sem dúvida, mas providencial e, em tal medida, inabdicável do ponto de vista de sua tarefa última. Disso advém a necessidade, fenomenologicamente falando, de retornar, sucessivas vezes, às coisas mesmas, num esforço constante de retomada e aprofundamento.

Para começar, talvez a melhor pista a ser percorrida nessa direção seja o pequeno, mas emblemático texto *A Ingenuidade da Ciência* (2009)¹, manuscrito redigido por Husserl no formato de notas de trabalho circunscritas, provavelmente, no outono de 1934. Tal material viria, posteriormente, ser editado no volume XXIX da *Husserliana*², junto à clássica *Crise das Ciências Europeias* (2012), obra capital que se insere no último itinerário reflexivo do autor. Em *A Ingenuidade*, o filósofo realiza um diagnóstico *sui generis* ao pôr em questão tanto o caráter subjetivo da razão como doadora de sentido quanto a própria historicidade nela inscrita e, portanto, imanente à filosofia e às ciências. Afinal, o que ele tem em vista?

Nesse opúsculo, Husserl examina duas formas de ingenuidade científica. A primeira diz respeito ao homem normal ou, em acepção clássica, à natureza racional humana. Trata-se de acercar melhor o aspecto da razão como problema, ou melhor, como “enigma da pressuposição da razão, até porque o psicólogo a tematiza, tomando-a já como pressuposta” (Husserl, 2009, p. 659). Já a segunda forma se volta, sobremaneira, para “o caráter essencial de dependência da filosofia, da ciência em relação a sua historicidade” (2009, p. 659). Trata-se, enfim, da “peculiaridade da historicidade da filosofia, por força da qual ela é, de certo modo, sempre tematizada, sem que, contudo, a história da filosofia (como ciência em seu sentido habitual) tenha que fornecer premissas para a filosofia atual” (2009, p. 659).

Isso posto, tratemos, pois, com maior atenção, a cada um desses dois modos de encarar o problema.

¹ Para tanto, nos apoiaremos, aqui, à providente versão, para o português, de Marcella Marino Medeiros Silva publicada em *Scientiæ Studia*, (2009) a partir do texto original “Die Naivität der Wissenschaft” (1993).

² *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Ergänzungsband. Texte aus dem Nachlass (1934-1937)*. Smid, R. (Ed.). Husserliana. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993. v. 29, p. 27-36. Serão tomadas também como ponto de apoio, no curso desse estudo, as excelentes versões vernáculas das obras de Husserl levadas a bom termo, nos últimos tempos, por especialistas lusitanos e brasileiros.

PRIMEIRA FORMA DE INGENUIDADE

No primeiro modo, encontramos um nível de ingenuidade que acomete tanto o cientista, quanto o filósofo a um só tempo. Trata-se do sentido último da subjetividade, da razão. Como Husserl se indaga já na *Crise*: “não estamos aqui perante o grande e profundo horizonte do problema da razão, da mesma razão que opera em todo o homem, por mais primitivo que seja, em todo o “*animal rationale*”? (2012, p. 313). Ora, ele bem nota que tal nível se refere a um princípio ontológico nem sempre suficientemente claro, devidamente explicitado. A bem da verdade, trata-se aí de um pressuposto não questionado condizente à própria tarefa filosófica. Como ele acuradamente demarca:

[...] questionemos primeiro o que há neste pressuposto, como podemos alcançá-lo com clareza, como podemos compreendê-lo em seus momentos essenciais e, o que é indissociável disso, como poderíamos clarificar os caminhos condizentes com seu sentido, bem como essas finalidades e meios, a fim de esclarecer o quanto havíamos legitimado no escuro algo antagônico como aquilo que se quer, e em que medida um fim assim formado é atingível sob os pressupostos da situação do ser, que este querer assim como qualquer outro, pressuporia. (Husserl, 2009, p. 660).

O que se entrevê nessa primeira forma de ingenuidade é o “sentido do ser de nossa filosofia: uma teoria de nossos professores, que haviam recebido de nossos antecessores teorias escritas, aperfeiçoada pela posteridade de modo a constituir novas teorias” (Husserl, 2009, p. 660). E isso devido ao caráter histórico, como veremos no tópico seguinte daqui das análises, por meio do qual se reveste simultaneamente a ciência e a filosofia. Para tanto, acerquemos que a “filosofia é, pois – conhecimento universal do mundo –, e as ciências particulares estabelecem-se verdades num método que pode ser aprendido por qualquer um” (2009, p. 661). A ciência dispõe de uma linguagem própria, um método indutivo, operando sempre simbolicamente. Ela trabalha com resultados de cálculos verdadeiros via estes símbolos em relação ao método técnico. Nessa medida, para alguém ou para além do mundo da ciência e seus símbolos, o que, afinal, resta? Pode-se ainda perguntar, mas e o mundo, concretamente? Não o mundo apenas dos homens e animais, organismos em sua estrutura, mas a instância do comportamento das pessoas, das características das pessoas, seu ser, sua vida de representações, sua vida em comunidade e formas de comunidade? O que Husserl questiona, em sentido preciso, é o que constitui a unidade do mundo, que já nos é sempre dada enquanto nosso mundo.

É aí, segundo ele, que esbarramos em dificuldades, paradoxos: “o que é o mundo? O que somos nós? Por que a pergunta dupla?” (Husserl, 2009, p. 661). Esse duplo questionamento exige, antes de tudo, uma “tomada de consciência [*Besinnung*], na qual eu o afirmo e os outros concordam comigo, digo eu, compreendendo-os como tendo consciência de si” [*sich besinnend*] e me entendendo com eles (Husserl, 2009, p. 661-662). Sob essa ótica, cabe observar que, “ao fazer isso reconheço que, através de todo ser relativo e situacional, através de todas as possibilidades do “engano”, “o” mundo sempre está pré-dado como aquele que se apresenta de modo diverso.

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

“Eu, este homem (este ser racional)”, eu estou no mundo, sou sujeito da vida de validade do mundo [*Weltgeltungsleben*] (Husserl, 2009, p. 662). Esse mundo pré-dado, é nada mais que o *Umwelt*, o mundo circundante, horizonte desde onde os seres racionais formam uma comunidade, uma comunidade de espírito. Como, alhures, ilustra Husserl:

Mundo circundante é um conceito que tem o seu lugar exclusivamente na esfera espiritual. Que nós vivamos no nosso mundo circundante respectivo, que vale para todos os nossos cuidados e esforços, tal designa um fato que se passa puramente na esfera do espírito. O nosso mundo circundante é uma formação espiritual em nós e na nossa vida histórica (2014, p. 119; cf. Freitas Silva, 2026).

Pois bem: nosso filósofo identifica aí a devida complexidade do tema; problema este ligado ao pressuposto não esclarecido dos cientistas: o de que o mundo da validade da ciência tem seu sentido relativo haja vista “a pressuposição de que os cientistas são homens maduros e racionais – tanto aqueles que pesquisam de fato quanto os que possivelmente participarão da pesquisa ou virão a ser alunos” (Husserl, 2009, p. 662). Trata-se, pois, do “pressuposto de que o homem de razão é uma subjetividade que atua [*fungieren*] e pode realmente ou possivelmente conhecer” (Husserl, 2009, p. 662). Afinal, “o que quer antes dizer o pressuposto de que a coletivização do conhecimento dos homens de razão é real e possível? E isto no mundo a ser ainda conhecido” (2009, p. 662). No fundo, Husserl alarga um problema para o qual não se encontra ainda uma resposta satisfatória, dado justo a condição flagrantemente ingênua do cientista. Esse alargamento põe, por exemplo, outras questões incômodas: o que significa o fato de que mesmo este mundo e o que há nele são de antemão pressupostos? Por que razão se pode partir do conhecimento do ser do mundo através da ciência sem qualquer questionamento? Ora, “o cientista ingênuo não crê, por sua vez, ter necessidade de ir em busca disso do mesmo modo que o trabalhador que aprendeu sua profissão não tem ocasião de perguntar, ao dirigir-se ao trabalho, acerca do “o quê” e do “como” de suas competências [*Vermögen*] adquiridas” (Husserl, 2009, p. 662). O cientista, em seu ofício, nem sempre é alguém que pergunta, que interroga o sentido último de sua prática. Ele a dá como dada e pronto! É fato, pois, que o operário tem consciência de que faz o que sabe fazer. O cientista igualmente em seu âmbito próprio de ação. Ao mesmo tempo, porém, não se perguntam sobre os fundamentos do que fazem nem o sentido e alcance do método que adotam ou praticam. Disso advém a questão primordial e incontornável do pressuposto a que nos reportamos:

[...] o enigma da pressuposição da razão não preocupa, pois, o cientista como qualquer um que sabe fazer algo: ele tem consciência de si como sabendo fazer algo; nessa orientação de trabalho, ele se volta para o fato, para a finalidade já que a razão não se apresenta como problema, ou seja, no sentido daquela constante pressuposição (Husserl, 2009, p. 662).

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

Há uma raiz profunda na forma de interrogação filosófica que parece escapar não só ao cientista enquanto tal, mas ao próprio filósofo e até mesmo o psicólogo como cientista da mente. À primeira vista, é-se levado a crer que só o psicólogo busca se importar com a razão diferentemente do cientista natural. Será mesmo? A psicologia se erige como uma disciplina que tem como objeto primordial de estudo, a psiquê, quer dizer, a subjetividade, a razão nua e crua. Afinal, o psicólogo é esse cientista que toma o homem racional como tema por excelência cuja competência é sua, absolutamente sua. Como bem anota Husserl, a ciência da psique é a única que se julga capaz de tomar a consciência de si em sua faculdade de razão ou não-razão. E, com isso, se outorga ao direito de construir o inventário mais válido e definitivo acerca desse domínio regional uma vez por todas já demarcado e conquistado. Assim, a psicologia “tematiza as imaginações dos homens, que se consideram racionais e defendem ser supostamente racional aquilo que alegam e afirmam como verdade” (Husserl, 2009, p. 663). Por outra parte, “se o psicólogo, justamente como psicólogo, pressupõe os homens que têm essas imaginações e, opostos a eles, os homens de real razão e garantia de verdade, que direito e que possibilidade ele tem de fundamentar isso, ou seja, de provar que é um psicólogo, um cientista racional, autêntico? Será possível que ele deva isso à instrução ou à cooperação de outrem?” (Husserl, 2009, p. 663). A questão aqui posta não é, de todo, despropositada e Husserl não deixa, nesse intento, de interrogar, é claro, o próprio estatuto ontológico do qual o psicólogo investe a sua prática. O nó do problema é que este último não interroga a sua práxis, isto é, não problematiza os fundamentos últimos que alicerçam o seu *modus operandi*. Ele se coloca, sobretudo, como um cientista natural sem dever nada a ninguém. Quer dizer, “o fato de que os outros são reais ou realizam algo realmente racional só pode ser reconhecido por ele a partir de sua própria razão, que não lhe poderá ser anteriormente inculcada por outros” (Husserl, 2009, p. 663). Daí segue-se o diagnóstico: “assim como todo cientista das ciências existentes, o psicólogo também está imbuído de uma ingenuidade, na medida em que não leva em consideração tais questões últimas acerca da razão enquanto pressuposto permanente dos cientistas” (Husserl, 2009, p. 663). Eis, em rigor, o motivo de fundo disso:

A ciência é uma prática. Vivê-la simplesmente [*dahinleben*] significa estar direcionado exclusivamente aos seus respectivos questionamentos e finalidades, no caso os científicos, a fim de efetivá-los, na certeza atual de sua capacidade e de seu poder. No fazer produtivo não se tem em vista o modo de produção, mas a obra, a ação. Trata-se aí da *ingenuidade* do cientista proveniente do apego temático, que lhe é próprio assim como a todos aqueles que exercem a profissão e, em especial, a uma prática profissional iniciada recentemente – da *ingenuidade* que não leva em consideração a dimensão de questionamentos concernentes à razão, à subjetividade produtora, que devem ser questões relativas ao conhecimento, mas que não podem ter lugar em nenhuma das ciências positivas (Husserl, 2009, p. 663; grifo nosso).

Após pôr em evidência esse primeiro grau de ingenuidade, Husserl passa a chamar a atenção para um segundo grau, de outra espécie, portanto. Trata-se da raiz histórica em que a ciência tematiza num formato que lhe é tradicionalmente singular. Vamos a ela.

SEGUNDA FORMA DE INGENUIDADE

Husserl passa agora, em seu texto, a examinar, mais de perto, o seguinte quadro:

Eu vejo a *ingenuidade* no fato de o cientista não levar em conta em sua tarefa a historicidade como algo que essencialmente a acompanha. Naturalmente não faltam obras sobre a história da ciência, e seus profissionais não carecem de vivo interesse por sua história. Mas esse interesse é secundário e irrelevante para o trabalho com os fins profissionais da ciência. Sabe-se que até cientistas de grande importância pouco se importam com a história de sua ciência. Na filosofia, em especial e especialmente nas últimas gerações, é disseminada a opinião de que a história da filosofia é de grande importância para a filosofia, tendo-se principalmente em vista o fato de que a história da filosofia ela mesma é um tema importante que deve ser considerado no âmbito das questões filosóficas. Por outro lado, esse tema não parece necessariamente ocupar todo filósofo e ter importância decisiva para as outras questões filosóficas (Husserl, 2009, p. 664; grifo nosso).

Vê-se claramente acima que a desconsideração do elemento histórico é uma tônica recorrente seja no âmbito da prática científica, seja na especulação filosófica. Tanto o cientista quanto o filósofo são, em geral, movidos por esse desinteresse. A história da ciência tal como a história da filosofia, embora importantes, não ocupam um papel decisivo, relevante, determinante. E isso igualmente vale para os grandes cientistas e filósofos do passado. Em função disso há aí, nessa atitude ahistórica, um alto preço a ser pago: a ingenuidade. Se é verdade, no âmbito da técnica industrial, que os sapatos de hoje e o método de produzi-los têm sua história e transformaram-se gradativamente, com o passar do tempo, o mesmo pode-se considerar acerca do cientista moderno, do matemático, do linguista etc.

Não se deve esquecer que os cientistas atuais se adaptaram à ciência produzida pelo trabalho de gerações passadas de cientistas; trabalho esse que, a partir de então, se torna, por herança, uma propriedade comum como material de trabalho. O aspecto crucial, avista Husserl, é que “eles são *ingênuos* quanto à recepção das verdades, questões e métodos de trabalho” (2009, p. 664; grifo nosso). Afinal, o que significa aqui ingenuidade? Husserl avalia que é

[...] provável que o cientista saiba de modo *vagamente* geral que ele foi educado para compreender o patrimônio cultural profissional (as verdades, as teorias) e as tarefas motivadas por ele – e isso vale para qualquer outra cultura e para as profissões relacionadas a ela assim como para os trabalhadores dessas profissões; além disso, ele também sabe de modo *vagamente* geral que sua ciência, como toda cultura, tem sua história (2009, p. 664; grifo nosso).

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

Essa sapiência “vaga” em relação à historicidade de seu trabalho, é uma tônica recorrente da prática científica. A vagueza se torna, com isso, uma expressão típica, emblemática de ingenuidade. Eis porque cabe não desconsiderar o fato de que até mesmo “a filosofia é, em suma, histórica – mas toda forma de cultura tem em si um sentido histórico” (Husserl, 2009, p. 660). De maneira similar, vale não esquecer que

[...] a ciência também tem seu estilo temporal, suas modas, mas a ciência trata do ser e do ser-assim, do valor de verdade, que pretende ser supratemporal, que deve valer para homens de todos os tempos. A ciência de hoje – o pesquisador não quer se prender a tradições de validade tidas agora como universalmente válidas, ele critica o passado. Ele tem como finalidade aquilo que é em si, que é filosofia originária [*Urphilosophie*]. [...]. Assim, a finalidade e o método não são claros por si sós. A ciência existe e apresenta “resultados” – verdades (Husserl, 2009, p. 660).

Nesse contexto geral:

Não resta dúvida de que boa parte da ciência atual se deve ao trabalho de nossos antepassados. Mas aquilo que ainda se mantém válido não aprendemos de modo apenas mecânico e sem pensar, mas entendemos, averiguamos, aperfeiçoamos e assim ele se torna nosso, satisfaz nossa necessidade de verdade evidente objetiva e nós, no papel de professores, a transmitimos assim, nós educamos para a recepção evidente e para a continuação evidente do trabalho. Certamente, ao resolvermos as tarefas que nossos antepassados se colocaram –, ao descobrirmos multiplamente novas tarefas, que já estavam no horizonte de tarefas dos antigos, mas que, por falta de bases de motivação não haviam se tornado claras, visíveis, expressas –, nossa obra cultural atual no campo de sentido da ciência possui a peculiaridade de que nosso fazer científico não apenas satisfaz nossas necessidades, mas através dele também as necessidades de nossos antepassados são satisfeitas (Husserl, 2009, p. 665).

Isso tudo significa aquilo que, desde o princípio, se buscava enquanto ciência, enquanto filosofia, ou seja, manter-se idêntico em seu sentido final, teleológico, por definição, em relação a todo o progresso da história até o presente.

Por outra parte, o que Husserl não tarda em considerar é que o espírito cultural científico está sujeito a uma espécie essencialmente diversa de transformação histórica, que pode ameaçar seriamente a origem e o sentido final próprio da ciência. Como assim? Ele mostra que, inicialmente, há de se levar em conta aqui o processo de tecnificação do método nas ciências exatas (tido como modelo válido de ciência). Uma vez dado esse passo, faz-se, ingenuamente, profissão de fé positivista, isto é, se presta a um culto idolátrico ao cientificismo ao projetar um nível tecnicamente superior. Em razão disso, o sentido original e próprio da ciência se esvai

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

completamente. Tal procedimento decorre de uma “operação com signos e palavras irrefletidos, esvaziados de sua significação e de seus modos de validade originais e próprios” (Husserl, 2009, p. 666).

É assim, por exemplo, que “a matemática se torna a maior de todas as maravilhas técnicas, e junto com ela a ciência natural matemática e a técnica desenvolvida a partir daí no sentido comum” (Husserl, 2009, p. 666). Não há como negar ou mesmo negligenciar o caráter genial dessas produções, nem mesmo seu critério de evidência prática. O problema, contudo, é outro:

Àquele que questiona seriamente em que medida isso pode ser ciência do mundo, da natureza, do espaço, do tempo etc., e qual a relação dessa evidência com a compreensão, devemos responder abertamente: todas essas ciências são, enquanto produções do conhecimento para o mundo, uma pretensão incompreensível. (Husserl, 2009, p. 666).

Tal pretensão está longe, bem longe de angariar um nível compreensivo mais profundo. Eis porque, julga Husserl, “será necessário ao filósofo, que se volte para o conhecimento do mundo, o qual deve ser um conhecimento concernente a todas as regiões do ser, limitar-se a uma região, que já encerra em si uma infinidade de tarefas” (2009, p. 666). Essa região constitui uma dimensão especial: ela evoca, pois, um “sentido regional como um sentido ainda não dissociado do sentido do mundo. (2009, p. 666). Ora, esse sentido emana justo do que profunda e historialmente possui a ciência e a própria filosofia. Merleau-Ponty, aliás, reconhece isso muito bem no propósito husserliano da historicidade como um elemento precioso quanto à compreensão fenomenológica quando nota:

A história é preciosa para o filósofo, *porque ela lhe revela o Gemeingeist* (espírito público) [...] Não se trata, como faz o historicismo, de simplesmente transferir para a ciência o magistério que se recusa à filosofia sistemática [...] Se a história nos envolve a todos, cabe a nós compreender que o que podemos ter de verdade não se obtém contra a inerência histórica e, sim, por seu intermédio (Merleau-Ponty, 1960, p. 133; 136-137; 137).

Merleau-Ponty, acima, procura fechar a ferida aberta pelo objetivismo e seu artificialismo ingênuo. Ele assim o faz invocando justo Husserl que jamais renega a história e, portanto, o elo indissolúvel entre o transcendental e o empírico, o fato e a essência, a filosofia e a ciência. Quando Husserl censura a ciência e a filosofia como “ingênuas” é devido à omissão por parte delas de tematizar a razão profunda de seus pressupostos, ao mesmo tempo que toma a história de modo indiferente, secundário e, portanto, irrelevante. O que a levam proceder de tal maneira? Já vimos: é a adesão cega e, por isso mesmo, inconsequente ao objetivismo.

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

Vale lembrar que, nos primeiros parágrafos da *A Crise das Ciências Europeias*, o mesmo diagnóstico já tomara posto. Ali Husserl realiza uma radiografia da situação da ciência e da filosofia, particularmente, a partir da segunda metade do século XIX, como bem aludido por Ortega y Gasset: a cientificidade das ciências positivas e a não cientificidade da filosofia corresponde a um dado que carece de maior atenção. Husserl tem em vista sobre o quanto o naturalismo inflama esse contexto discrepante já que o terreno filosófico e, com ele, das humanidades em geral, é preterido em relação ao ideal perseguido pelas ciências naturais que operam, por princípio, no domínio dos fatos. Em função disso, as questões últimas metafísicas se tornam *non-sens* o que leva Husserl a afirmar, p. ex., que “o positivismo decapita por assim dizer a filosofia” (2012, §3, p. 6).

Segundo o autor, esse quadro sintomático não se deve apenas aos constantes fracassos da metafísica uma vez contrastados aos êxitos teóricos e práticos das ciências positivas; a razão principal para isso consiste na dissolução do ideal de uma filosofia universal levado a cabo pela modernidade filosófica; dissolução que, embora não comprometa o caráter altamente engenhoso das ciências, termina por abalá-lo no que diz respeito ao seu sentido de verdade, isto é, a sua fundamentação filosófica última. Husserl entende, como bem demonstra Marcella Silva, que

[...] a perda da crença em uma filosofia universal implica a perda da crença na razão e consequentemente da finalidade ideal de se atingir a verdade: essa tarefa tida ingenuamente como óbvia em todas as filosofias se torna incompreensível, e o problema da correlação entre o mundo e o ser em geral passa a ser o enigma de todos os enigmas (2009, p. 654).

Eis porque Husserl severamente diagnostica esse estado de coisas nos termos de “uma lamentável *contradição existencial*” (2012, §7, p. 12). Para melhorar reparar isso, só há uma saída possível: a exigência de uma compreensão da história. Ora, de que história, afinal, se trata?

Seguramente não é a história factual, objetiva, tomada como uma sucessão de eventos historiográficos. Isso é historicismo! O que entra em jogo no real debate fenomenológico é a ideia de “história interna”, a saber, “da reflexão crítica acerca daquilo que se pretendeu originalmente e através dos tempos como tarefa filosófica, reflexão esta que, segundo Husserl, permitirá o desvelamento de sua teleologia oculta” (Silva, 2009, p. 654). Trata-se da história como movimento vivo de formação e sedimentação de sentidos; história essa dotada de uma estrutura interna, a qual não pode ser alcançada pela história dos fatos. Se se quiser melhor compreender, trata-se de uma história como retorno à origem, que investiga os “materiais originários”, as “premissas originárias” residentes no solo primordial do mundo cultural pré-científico”. Como dá a entender Husserl, trata-se, enfim, na ciência e na filosofia,

[...] não só de determinar o seu berço histórico e fático, quanto ao lugar, ao tempo e às suas circunstâncias factuais, ou seja, não se trata somente de fazer remontar a filosofia até os seus criadores, os antigos físicos, os Jônios etc., mas de compreendê-la a partir dos seus motivos espirituais originários e, em

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

consequência, no seu *sentido* mais originário, sentido que, a partir daí, progride na sua origem (2012, p. 288).

Como ele volta esclarecer: “*o problema seria, então, com recurso ao essencial da história, descobrir o sentido histórico originário que poderia e deveria necessariamente conferir ao devir inteiro da geometria o sentido durável da sua verdade*” (Husserl, 2012, p. 313). Somente assim é que “na consideração histórica retrospectiva explícita e historicamente responsável, [...] a história fornece, então, a teleologia do desenvolvimento da verdade sempre mais completa” (2012, p. 409).

Em tal medida, cumpre compreender, de uma vez por todas, que é preciso repensar como tarefa uma nova forma de filosofia, quer dizer, uma filosofia rigorosa que seja capaz de esclarecer os pressupostos não questionados, o que exige, como vimos, uma tomada de consciência mais exigente e, sob tal ângulo, mais radical. Trata-se de “uma forma última da filosofia transcendental enquanto fenomenologia” (Husserl, 2013, p. 197). Como acerca Bello:

Não é possível uma investigação epistemológica que não capture as transformações históricas. De fato, não se trata tanto de percorrer os estágios históricos, de retornar à Filosofia e à Física dos jônicos, mas de compreender os “motivos” originais que determinaram certas atitudes em particular (2022, p. 146).

Bello ainda observa: “a verdade científica se apresenta como uma verdade para qualquer um e para todo tempo, mas isso não significa que tenha uma a-historicidade absoluta; pelo contrário, passou por um processo de elaboração e desenvolvimento” (2022, p. 147). A bem da verdade, Bello nos lembra que as ciências se tornam “fábricas de proposições preciosas e praticamente úteis” (2022, p. 131) por meio das quais se pode trabalhar como técnicos descobridores, incorporando, em rigor, toda uma racionalidade técnica. Por outro lado, há de se convir de que “esses avanços não fizeram o mundo mais compreensível, eles simplesmente o tornaram mais útil” (2022, p. 131). Por que será?

A autora lembra de que há uma diferença entre a práxis não científica, peculiar ao empirismo ingênuo da vida cotidiana e aquela que se eleva para além dos limites da experiência. A primeira se funda numa ingenuidade irracional, muito embora a própria ciência não esteja imune à ingenuidade, mesmo aspirando um interesse apodítico baseado em princípios racionais. Só que ela tomada em seu ideal de objetividade puro e simples não consegue, a contento, atingir um grau hermenêutico mais profundo quanto à gênese ou origem da crise por ela sintomatizada. Daí ser preciso, insiste Husserl, encontrar outro “fundamento absoluto”, outro nível apodítico cuja ciência maior em termos de compreensão possível é, em sentido próprio, a Fenomenologia. Só essa doutrina se torna capaz de desconstruir o sentido ingênuo da tradição e, com isso, exorcizar, de vez, como logo veremos, a maldição da epistemologia que ronda como um fantasma na prática não só científica, mas filosófica.

Ao mesmo tempo, por outra parte, Husserl ainda compreende que o verdadeiro reino do subjetivo, que a Psicologia chama para si a mais inteira responsabilidade epistêmica, só será devida e radicalmente interpelada sob a forma dessa filosofia última, a saber, a fenomenologia

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

transcendental. É esta que cabe, por fim, investigar a subjetividade “atuante em todo experienciar, em todo o pensar, em todo o viver” (Husserl, 2012, §29, p. 91); horizonte esse que permanecera inteiramente cego e ingênuo sob o prisma de uma abordagem mais crítica, e, nessa extensão, mais profunda desde as origens da história do pensamento. Há, aponta o filósofo, “o solo permanente de validade, uma fonte constantemente pronta de obviedades a que recorreremos sem mais, como homens práticos ou como cientistas” (2012, §33, p. 99). É, pois, propriamente esse solo que a ciência, como produção humana, sempre pressupõe e que carece ser radicalmente interrogado, tematizado. Como volta a comentar Silva:

Husserl aproxima aqui o caráter das verdades produzidas no mundo científico ao caráter das verdades do mundo-da-vida, as quais são essencialmente relativas à subjetividade e sempre passíveis de comprovação e correção tanto no nível subjetivo quanto no nível intersubjetivo, o que exclui a possibilidade de uma verdade e de um mundo em si (2009, p. 655).

A ideia de um mundo em si pressupõe a experiência de outro mundo, a saber, a *Lebenswelt*, como mundo da vida, como mundo circundante (*Umwelt*). Descreve Husserl que

A filosofia esboça o *logos* do mundo, *logos* que é pré-dado, historicamente pré-dado – mundo mítico pré-científico, como mundo da vida circundante que nesta situação histórica da humanidade mítica (e, concretamente, *desta* humanidade mítica) tem a sua efetividade mítica em uma autoconfirmação (2012, p. 408).

Ora, “este mundo da vida não é nenhum outro senão o mundo da mera doxa (δόξα) tradicionalmente tão desprezada” (Husserl, 2012, p. 386). Ela é desprezada por certo ideal de episteme (ἐπιστήμη) que toma asas no Ocidente. Eis porque “o único caminho possível para ultrapassar a ingenuidade filosófica que reside na ‘cientificidade’ da filosofia objetivista tradicional é o correto retorno à simplicidade ingênua da vida, mas numa reflexão que se eleve acima dela, revelação que abrirá as portas a uma nova dimensão (2012, §9, p. 47). Essa dimensão é a de “uma comunhão efetiva com o mundo e com outrem já que somos sujeitos de uma intercomunhão possível, a experiência mesma de uma intersubjetividade transcendental” (Freitas Silva, 2009, p. 225).

Sabe-se o quanto Merleau-Ponty explorou essa tese, inclusive, com e para além de Husserl (Freitas Silva, 2012; 2019a). A ideia mesma de uma Natureza Primordial como logos do mundo estético (Freitas Silva, 2019b), a título de exemplo, se torna uma referência ímpar a fim de se compreender o estatuto dessa ressignificação do mundo na contramão da “noção de mundo físico como *omnitudo realitatis*” (Merleau-Ponty, 1942, p. 144). O que Husserl entrevê é o horizonte de sentido esquecido do mundo pela ciência e pela tradição filosófica; algo que o

objetivismo mascara ao tornar o saber ocidental refém de uma maldição, a maldição da epistemologia.

A MALDIÇÃO DA EPISTEMOLOGIA

No texto “Fenomenologia e antropologia” (2019), manuscrito originalmente datado em 1931, Husserl lança mão de uma metáfora um tanto forte, ou para dizer no mínimo, perturbadora. Ele fala em “maldição”, “maldição da chamada epistemologia” (Husserl, 2019, p. 662). Ora, o que a ciência, tomada em sua versão mais profundamente epistêmica, contém, pasme, de maldito?

As lições anteriores aqui já abriram a pista. À fenomenologia cabe exorcizar um fantasma, expurgar uma maldição que parece rondar o horizonte não só das ciências em geral, mas da própria filosofia. Conforme vimos, isso se deve à ingenuidade levada às últimas consequências por uma atitude obedientemente cega, dogmática e inconsequente, de princípio: o objetivismo. Este se entranha na ciência e na filosofia deixando de lado todas as questões acerca do sentido de sua práxis. Disso sobrevém o necessário retorno a uma consciência como reduto último irreduzível, a uma região mais elevada do ser do ego como fonte de sentido, algo, aliás, bem demarcado em *Ideias I* (2006). Husserl, insistentes vezes, se reporta ao espírito desse livro fundamental no intuito de reafirmar o caráter da reflexão fenomenológica sobre a vida da consciência. Em seus estudos maduros, essa tese não só é corroborada como um princípio inabdicável de sua filosofia, mas ressignificada sob a perspectiva antes delineada da historicidade como signo da consciência purificada em regime de *epoché* (ἐποχή).

Eis porque ele escreve que “o mundo agora é mundo “entre parênteses”, mero fenômeno, fenômeno de validade [*Geltungsphänomen*] do fluxo da experiência, da consciência em geral, que agora é consciência reduzida transcendentemente” (Husserl, 2019, p. 658). O fenomenólogo assim procede porque é a única maneira de desfazer aquela “maldição”, maldição que, por ofício, viria se instalar na própria Psicologia no momento que não interroga radicalmente o sentido do ser da consciência, objeto fulcral de seu estudo. Fato é que a Psicologia se torna refém, presa fácil do objetivismo redundando, a esse *modus operandi*, numa forma de psicologismo. Ela mantém uma postura ingênua e, portanto, acrítica quanto aos seus fundamentos. Isso, p. ex., conduz Husserl a pôr em questão inclusive a Psicanálise. A teoria do inconsciente é criticável à medida que, *eo ipso*, não se liberta do recinto do naturalismo recaindo, inevitavelmente, numa forma de ingenuidade: “porque não se sabe o que é a consciência, falha principalmente a abordagem a uma ciência do ‘inconsciente’” (2012, p. 395). Desse modo,

Enquanto a exposição do problema do inconsciente for determinada por uma tal teoria implícita sobre a consciência, ela se manterá, por princípio, filosoficamente *ingênua*. Só após uma analítica explícita da consciência pode ser em geral levantado o problema do inconsciente. Mas só no trabalho de domínio

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

deste problema se irá verificar se o ‘inconsciente’ é explicitável com os meios metódicos da análise intencional (Husserl, 2012, p. 395; grifo nosso).

Sob esse prisma, somente a “fenomenologia transcendental é que se torna a única forma de filosofia capaz de superar o objetivismo naturalista e qualquer objetivismo” (Husserl, 2014, p. 152). A *ratio* que está agora em questão não é outra coisa senão a “autocompreensão efetivamente universal e efetivamente radical do espírito, na forma da Ciência Universal autorresponsável” (Husserl, 2014, p. 152). Eis porque, como vimos, o fenômeno da “crise” pode então, “tornar-se claro como o *aparente fracasso do Racionalismo*. A razão do falhanço de uma cultura racional reside, porém, – como foi dito –, não na essência do próprio Racionalismo, mas unicamente na sua *alienação*, na sua absorção no ‘naturalismo’ e no ‘objetivismo’” (Husserl, 2014, p. 153). Cumpre diagnosticar que “a crise de uma ciência não diz nada menos que o seguinte: a sua cientificidade genuína, todo o modo como ela definiu a sua tarefa, e, para isso, formou a sua metodologia, se tornou questionável” (Husserl, 2012, p. 1). Com isso, uma vez mais, bem entendido, “não está em questão o rigor da cientificidade de todas estas disciplinas, à evidência das suas realizações teóricas e dos seus concludentes resultados duradouros” (Husserl, 2012, p. 2). Como o filósofo volta ao advogar sua tese:

Mas isso quer dizer que todas as ciências modernas entraram finalmente numa crise peculiar, sentida de um modo cada vez mais enigmático, a propósito do sentido em que foram fundadas como ramos da filosofia e que continuaram depois a transportar em si. É uma crise que não atinge as ciências especializadas nos seus resultados teóricos e práticos, mas que abala, contudo, de um lado ao outro, todo o seu sentido de verdade (Husserl, 2012, p. 8).

O que, desde sempre, Husserl deixa claro em sua posição é que

Jamais a situação poderá melhorar, porém, enquanto o objetivismo, proveniente de uma atitude natural dirigida para a circum-mundaneidade, não for posto a nu na sua *ingenuidade* e enquanto não irromper o reconhecimento de que é uma inconsequência a concepção dualista do mundo, na qual Natureza e Espírito têm de valer como realidades de sentido similar, se bem que causalmente edificadas uma sobre a outra. Com toda a seriedade, sou da seguinte opinião: não existiu nunca nem existirá jamais uma ciência objetiva do espírito, uma doutrina objetiva da alma, objetiva no sentido de atribuir às almas, às comunidades pessoais, inexistência nas formas do espaço-temporalidade (Husserl, 2014, p. 150-151; grifo nosso).

É preciso desnudar o objetivismo como uma espécie de “pecado original” que torna a ciência (sobretudo, psicológica) e a filosofia cúmplices e que, o século XIX, de modo particular,

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

tratou-se de cavar um abismo intransponível; abismo esse expresso pelo dualismo entre Espírito e Natureza, razão pela qual

[...] é um erro das Ciências do Espírito competir com as Ciências Naturais pela igualdade de direitos. Assim que concedem a estas últimas a objetividade enquanto autossuficiência, caem elas próprias no objetivismo. Mas, tal como elas estão agora desenvolvidas, com as suas diversas disciplinas, as Ciências do Espírito carecem da racionalidade última, efetiva, tornada possível pela visão espiritual do mundo (Husserl, 2012, p. 273).

Tal dificuldade de princípio, isto é, a impossibilidade mesma de uma ciência objetiva do espírito sob o manto do dualismo psicofísico como maldição, encerra, de uma vez por todas, o afã de certo ideal de cientificidade; ideal este que mais escamoteia do que revela a estrutura última da consciência. Daí advém a necessidade de buscar o verdadeiro psíquico, o que exige, de antemão, uma reforma da Psicologia Moderna já que essa se manteve epistemologicamente ingênua, ou seja, “fracassou por via do seu objetivismo” (Husserl, 2014, p. 149). Uma vez ingenuamente orientados pela pretensão de exatidão científico-natural, “os psicólogos não notam, de todo, que também eles próprios enquanto cientistas operantes com o seu mundo circundante, não entram no seu tema” (Husserl, 2014, p. 149). Eles perdem de vista justo o subjetivo ao situá-lo na perspectiva de uma “*physis* idealizada e ingenuamente objetivada” (Husserl, 2014, p. 148).

Isso novamente situa o clima de mal-estar; ou numa palavra, o regime de crise que atravessamos. Trata-se de um “mal-estar do método”, diagnostica Husserl (2014, p. 147) em função, é claro, daquele “objetivismo ou desta apreensão psicofísica do mundo que, apesar da sua aparente compreensibilidade, é uma unilateralidade *ingênua*” (Husserl, 2014, p. 147; grifo nosso). Dito de outro modo: “o mal-estar aloja-se em todas as ciências, finalmente como um mal-estar do método. Mesmo que incompreendido, o nosso mal-estar europeu diz respeito, porém, a muitos de nós (Husserl, 2012, p. 271).

Assim, no intuito de melhor combater esse estado de coisas, ou seja, de superar o sintomático mal-estar que atravessa a ciência no Ocidente, não há outro caminho senão de restituir à Filosofia à condição de uma ideia, ideia de uma tarefa infinita. É nessa direção que se pode indicar que

[...] o caminho da Filosofia ultrapassa a ingenuidade. Este é, então, o lugar de crítica do tão afamado Irracionalismo, ou seja, o lugar para pôr a descoberto a ingenuidade desse racionalismo que é tomado pela racionalidade filosófica pura e simples, mas que é, seguramente, característico da Filosofia da Modernidade no seu conjunto [...]. Nesta ingenuidade, inevitável no começo, estão, portanto, mergulhadas todas as ciências cujos começos já na Antiguidade se tinham desenvolvido. Dito com maior precisão; o título generalíssimo para esta ingenuidade é *objetivismo*, enformado nos diversos tipos de naturalismo, da naturalização do espírito (Husserl, 2014, p. 143-144).

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

Husserl, como se vê, põe as cartas na mesa preparando o incontornável xeque-mate. Para tanto, ele toca no ponto nevralgico do que há de essencialmente sintomático na crise emergente. Não resta agora a menor dúvida: o objetivismo é o que responde, em última análise, pela atitude ingênua comumente tomada pela ciência e pela filosofia. A maldição da epistemologia se desvenda aí em seu artifício mais engenhoso, capcioso, sedutor. A episteme se deixara seduzir pela “feitiçaria” de um ideal de saber que se crê nobilíssimo, dogmático e, nessa medida, arbitrário. A episteme cai em maldição no instante em que se deixa suggestionar por certo capricho metódico ao separar Espírito e Natureza, o físico e o psíquico. Em razão disso, o psíquico é naturalizado em nome de uma objetividade sem limites. Ora, é bem verdade que essa é uma herança do Iluminismo o que, aos olhos de Husserl, se tornou um extravio, um extravio até compreensível, reconhece ele. O problema é que essa “iluminice” (2014, p. 141) da Razão é o advento do naturalismo haja vista que prepara o terreno perfeito para o objetivismo mais crucial que toma diversas formas em nossa cultura científico-filosófica.

O Irracionalismo e seu (in)consequente regime de crise que assolara a cultura no Ocidente, vale reiterar, não se reporta ao caráter propriamente artesanal da ciência e seu êxito técnico, mas a algo bem mais profundo: a crise diz respeito ao “modo como o todo da visão de mundo [*Weltanschauung*] humana se deixou determinar pelas ciências positivas e se cegar pela *prosperity* que lhes era devida, na segunda metade do século XIX” (Husserl, 2022, p. 193). O ponto sensível é que tal cegueira ou, se quiser, tal ingenuidade dá vazão a certo estado de coisas: “meras ciências de fatos fazem meras pessoas de fato” (2022, p. 193). Assim, a superação de tal impasse só se torna possível se se tomar outro recurso, a saber, o de habilitar o método fenomenológico. Tal método é aquele que Husserl já punha em marcha em *Ideias I*, ou seja, que põe fora de ação ou circuito a atitude natural cuja operação não consiste em “*negar este mundo, como se eu fosse sofista, nem de duvidar de sua existência, como se fosse cético e nem de confundir com a ἐποχή do positivismo*” (2006, §32, p. 81). Trata-se, respectivamente, de uma parentetização que tem em vista uma nova eidética preservando o mundo como *eidos* à luz de uma consciência pura, de um eu puro, de puros correlatos de consciência, de vividos. Ora, essa “*consciência tem em si um ser próprio o qual não é atingido em sua essência própria absoluta pela exclusão fenomenológica*” (2006, §33, p. 84).

Esse, acima, é um princípio inegociável para Husserl. O psicólogo só pode libertar-se da posição ingênua naturalista à medida em que, após a *epoché* (ἐποχή) transcendental, for capaz de reconhecer, agora, um eu absoluto cujo “mundo adquire seu sentido de ser em uma comunhão íntima, puramente interna com os outros” (2022, p. 231). O melhor antídoto no sentido de erradicar o sintoma da “psicologia na crise da ciência” (Husserl, 2022, p. 193), é o exercício da *epoché*; exercício tal que, aliás, permite renovar um sentido mais profundo do mundo. Tal sentido é compreendido por Husserl, em sua obra tardia, nos seguintes termos:

A renúncia ao mundo, a ‘colocação entre parênteses do mundo’ [*Welteinklammerung*], não significa que a partir desse momento o mundo não seja mais o meu tema; pelo contrário: significa que ele agora deve ser o nosso tema de uma forma nova e mais profunda. Nós só renunciemos à *ingenuidade* em que, a partir da experiência comum, nos deixamos pré-dar o mundo enquanto existente e cada vez existente de uma forma determinada. A ingenuidade é revogada [*aufgehoben*] quando – e este foi o motivo que nos levou a fazê-lo – interpretamos a validade da experiência como sujeitos autônomos de forma responsável e procuramos uma visão racional em que possamos dar explicação dela e determinar o seu alcance” (Husserl, 2019, p. 660).

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

E acrescenta:

[...] esse mundo só ganha significado e validade em mim e a partir puramente de mim. Em mim, nota *bene*, enquanto ego transcendental. [...]. Embora eu deva muito, talvez a maior parte, aos outros, em primeiro lugar eles são *outros para mim*, outros que recebem sentido e validade a partir de mim. E só depois que eu tenho, a partir de mim mesmo, o sentido e validade deles, eles podem me ajudar enquanto co-sujeitos [*Mitsubjekte*]. (Husserl, 2019, p. 661).

Husserl é categórico ao afirmar que nada se perde, nessa operação: o mundo, apenas, é reabilitado como fenômeno de um Eu transcendental como região pura constitutiva:

Eu não perdi nada do que na ingenuidade estava lá para mim, do que em particular mostrou-se como realidade existente. Pelo contrário: na atitude absoluta reconheço o mesmo mundo, reconheço-o pela primeira vez, como aquilo que sempre foi para mim e que tinha que ser, essencialmente, para mim: como *fenômeno transcendental* (Husserl, 2019, p. 661-662).

Sobre isso pesa o fato de que o método fenomenológico transcendental, por excelência, se torna uma via segura, a única capaz de remover o que há de ingênuo e, portanto, “maldito” que tanto cegara e, por conseguinte, obcecara a ciência em sua profissão de fé positivista, objetivista. Tal método, como indica Husserl, “é o caminho que, depois de ter reconhecido o déficit da *ingenuidade*, é o único caminho possível para estabelecer ciências de racionalidade autêntica, falando concretamente: o caminho para a única filosofia possível fundamentada radicalmente (2019, p. 664; grifo nosso). “Este é, pois”, insiste ele, “o caminho da fenomenologia transcendental, o caminho desde a *ingenuidade* da vida natural cotidiana e da filosofia do velho estilo até o conhecimento transcendental absoluto do ente em geral” (Husserl, 2019, p. 665; grifo nosso).

Assim que o “verdadeiro problema transcendental é alcançado na sua necessidade apodítica”, assegura Husserl (2019, p. 666) é que, finalmente, estaremos, agora, em melhores condições para apreciar a ciência e, com ela, em particular, a Psicologia. E isso noutra direção, ou seja, numa perspectiva mais dialógica do ponto de vista disciplinar. Para tanto, “*de fato, a psicologia e a antropologia não são uma ciência positiva ao lado das outras*, ao lado das disciplinas científicas, mas têm uma *íntima afinidade* com a filosofia, a transcendental” (Husserl, 2019, p. 667).

O que cabe observar é a maneira singular com a qual o conceito de psicologia, agora ressignificado, passa então a ocupar um lugar de honra nas lições de Husserl no momento que ele situa o seu projeto. O filósofo, aliás, preserva o conceito e compreende a fenomenologia como uma Psicologia numa acepção bem precisa: ora, se a Psicologia é a ciência que tem por objeto de

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

pesquisa a instância mais própria da *psyché*, é plausível, de fato, para além de todo psicologismo – cria direta do objetivismo ingênuo – que “haja uma *prodigiosa coincidência entre psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental* [...] uma está implícita na outra” (Husserl, 2022, p. 161, grifo nosso). O que se aventa aqui é o consórcio entre psicologia e fenomenologia; consórcio esse promovido pela *epoché* transcendental, sem deixar de preservar o Eu absoluto para o qual o “mundo adquire seu sentido de ser em uma comunhão íntima, puramente interna com os outros” (Husserl, 2022, p. 231). Assim, “o psicólogo aprende a compreender que, ele mesmo, nesta orientação pura, já não está mais no mundo de modo ingênuo” (Husserl, 2022, p. 231). Como bem nota Merleau-Ponty:

[...] costuma-se dizer que Husserl não se interessa pela psicologia. A verdade é que ele mantém suas antigas críticas ao ‘Psicologismo’ e insiste sempre sobre a ‘redução’ em virtude da qual se passa da atitude natural, que é a da psicologia, como a de todas as ciências positivas, à atitude transcendental, que é a da filosofia fenomenológica [...]. Husserl compara expressamente as relações da fenomenologia e da psicologia com a matemática e a física e espera do desenvolvimento de sua filosofia uma renovação dos princípios da psicologia (1996, p. 21-22).

Mais: “o problema de Husserl é o de tornar novamente possíveis a filosofia, as ciências e as ciências humanas, bem como a coexistência delas” (Merleau-Ponty, 2001, p. 398). Pois bem: com isso, a Psicologia poderá voltar a sentir orgulho, mas não o orgulho ilustrado, desmedido do objetivismo que ingenuamente a perseguira, desde então, como uma maldição. É que agora, essa episteme “atinge efetivamente o nível mais alto de reflexividade, decisivo para a nova forma da Filosofia e da humanidade europeia (Husserl, 2012, p. 268), humanidade essa agora liberta da subsunção no naturalismo e no objetivismo como alienação de princípio.

Isso posto, já se torna possível fazer, a seguir, um balanço final mesmo que breve e provisório.

CONCLUSÃO

Ao trazer para o primeiro plano de debate o tema da ingenuidade, é revelador observar sobre o quanto tal estado de questão atravessa a obra de Husserl sob matizes diversos. Não há obviamente, no limite aqui do texto, como reconstruir, passo a passo, cada nuance, cada paragem que o problema urge a partir de ambas as frentes, filosófica e científica. O estudo a que propusemos apenas se limita, nessa breve jornada adentro, em demarcar, ao menos, a ressonância

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

geral do tema, bem como a maneira com a qual ele, de duas formas, assume um vetor todo singular.

Os poucos escritos husserlianos aqui sumariamente escrutinados não cessam de pôr em relevo a tarefa de um esclarecimento tanto ontológico quanto histórico sem perder de vista ainda a necessidade de reflexão sobre o método. A grande encruzilhada posta pelo objetivismo científico-filosófico foi a de perseguir um caminho sem o grau devido de questionamento, numa escalada ingênua e acrítica, tornando o conhecimento cego e, com isso, incorrendo num inconsequente extravio quanto aos seus fundamentos últimos. Husserl entende que somente a filosofia, enquanto forma espiritual mais elevada detém as credenciais para tanto. A fenomenologia entra aí em cena como essa “ciência de rigor”, a única capaz de renovar nossa cultura científico-filosófica e, portanto, vislumbrar outro horizonte de mundo aquém e além do mundo-cliché de nossas crenças e valores objetivos.

O trabalho a ser feito, nessa direção, reconhece Husserl, não é dos menores. Para isso, faz-se mister todo um espírito de despojamento, desprendimento de certos pressupostos tão tradicionalmente arraigados e que moldam, por assim dizer, nossa civilização técnico-científica. A cultura ocidental é dosada, milimetricamente, por um ideal que o século XIX sacramenta no santuário da episteme em franca oposição à doxa. Só há um mundo credenciado, aquele que a epistemologia, de longa data, confere pleno estatuto: o mundo objetivamente considerado.

Ora, trata-se de mostrar que esse não é o único mundo possível. A linguagem objetual não é a única e exclusiva forma de nos comunicar com ele. É preciso se desfazer dessa crença, dessa fé positivista. Numa palavra: libertar-se de uma maldição, a maldição da epistemologia. É por isso que tal libertação implica um trabalho arqueológico: escavar, sob a superfície do mundo objetivo epistêmico, um mundo abaixo, da doxa, ainda não domesticado, em estado selvagem, bruto, como metaforiza Merleau-Ponty. Ao projetar o *leitmotiv* da fenomenologia como retorno às coisas mesmas, Husserl avalia que as ciências positivas “são ingenuidades de nível superior, configurações produzidas por uma técnica teórica engenhosa, sem que as operações intencionais, a partir das quais tudo isso ultimamente desponha, tenham sido explicitadas” (2013, p. 35; 191). Esse é sempre o ponto; o ponto crucial! O trabalho fenomenológico vem justamente exorcizar o fantasma objetivista que tanto encarnara na *ratio* do Ocidente como uma maldição epistêmica. Há de se compreender que não se trata de impedir que a ciência prossiga em seu intento prático-técnico. Com bem nota Husserl, “a ciência segue sua marcha” (2021, p. 307). Até aí não há qualquer objeção estrita. O real problema surge quando a razão de princípio nisso não é, de maneira radical, discutida ou, sequer, interrogada sem qualquer tomada de consciência filosoficamente consequente. Ao não interpelar o sentido último da *ratio* e desacreditar a história, o objetivismo coopta, ingenuamente, as partes em questão, isto é, o saber científico-filosófico. É sob tal ângulo que só uma filosofia renovada é que pode “se elevar acima do agir *ingênuo*” (2014, p. 104; grifo nosso). Eis porque Husserl não conclama só a ciência a essa tarefa, mas igualmente a filosofia.

Sob uma ótica que não seja míope, a maldição que acomete a epistemologia pode ser quebrada. Tudo depende de como a ciência e a filosofia se tornam capazes de se desfazer do feitiço que euforicamente as seduzira no alvorecer da cultura positivista. Para tanto, é preciso uma autocrítica franca e sincera quanto aos seus fundamentos, ou seja, se faz necessário outra atitude, uma tomada de consciência que não regurgite aquela “ilumínice” que armara uma cosmovisão objetivista como crença dominante. A tarefa da fenomenologia transcendental é a única que cumpre esse desígnio à medida que se faz anarcônica, isto é, demole os fundamentos últimos, não restando, pois, pedra sobre pedra ante o edifício da ingenuidade reverenciada pelo culto ao objeto.

REFERÊNCIAS

- BELLO, Angela Alles. **Husserl e as ciências**. Trad. Maria A. V. Bicudo et ali. São Paulo: Livraria da Física, 2022.
- DILTHEY, Wilhelm. “Texte zur Kritik der historischen Vernunft”. In: **Gesammelte Schriften** (v. I, V, VII, VIII, XIX). Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983.
- FOUCAULT, Michel. **Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines**. Paris: Gallimard, 1966.
- FREITAS SILVA, Claudinei Aparecido de. **A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty**. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2009.
- FREITAS SILVA, Claudinei Aparecido de. “O retorno ao mundo da vida: Merleau-Ponty, leitor de Husserl”. In: **Revista Filosófica de Coimbra**, v. 21, p. 11-31, 2012. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/dfci/public/publicacoes/numeros_publicados_arquivo/vol_21_n_41/o_retorno DOI: 10.14195/0872-0851_41_1>
- FREITAS SILVA, Claudinei Aparecido de. “A sombra do eu puro: Merleau-Ponty e o ‘último’ Husserl”. In: **Revista de Filosofia: Aurora**, v. 31, p. 405-419, 2019a. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/25106> DOI: [10.7213/1980-5934.31.053.DS02](https://doi.org/10.7213/1980-5934.31.053.DS02)
- FREITAS SILVA, Claudinei Aparecido de. **A natureza primordial: Merleau-Ponty e o ‘logos’ do mundo estético**. 2. ed. Cascavel, PR: Edunioeste, 2019b.
- FREITAS SILVA, Claudinei Aparecido de. “*Einfühlung e Umwelt* infantil”. In: SANTOS, Hernani Pereira dos (Org.). **Husserl em diálogo**. Londrina, PR: Engenho das Letras, 2026.
- HUSSERL, Edmund. “Die Naivität der Wissenschaft”. In: HUSSERL, Edmund. **Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Ergänzungsband**. Texte aus dem Nachlass (1934-1937). Smid, R. (Ed.). Husserliana. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993, v. 29, p. 27-36.
- HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Trad. M. Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
- HUSSERL, Edmund. “A ingenuidade da ciência”. Trad. Marcella Marino Medeiros Silva. In: **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 659-67, 2009. Acesso: <https://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11190/12958>
- HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica**. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas e conferências de Paris**. Trad. Pedro S. M. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- HUSSERL, Edmund. **Europa: crise e renovação**. Trad. Pedro S. M. Alves e Carlos A. Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- HUSSERL, Edmund. “Fenomenologia e antropologia (1931)”. Trad. Tradução de José Fernandes Weber, Giovanni Jan Giubilato e Anna Luiza Andrade Coli. In: **Rev. Filos., Aurora**, Curitiba, v. 31, n. 53, p. 639-667, maio/ago, 2019.

O que há de ingênuo na ciência? Husserl e a maldição da epistemologia

FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido de

HUSSERL, Edmund. “Conciencia del sentimiento – consciencia de sentimientos. Sentimiento como acto y como estado”. In: CABRERA, C; SZEFTTEL, M. **Fenomenología de la vida afectiva**. Trad. Antonio Ziri6n Quijano. Buenos Aires: Sb, 2021, p. 307-340.

HUSSERL, Edmund. **Psicologia fenomenol6gica e fenomenologia transcendental: textos selecionados (1927-1935)**. Traduç6o de Giovanni Jan Giubilato, Anna Luiza Coli, Daniel Guilhermino e Felipe Maia da Silva. Petr6polis, RJ: Vozes, 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **La structure du comportement**. Paris: PUF, 1942.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signes**. Paris: Gallimard, 1960.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Le primat de la perception et ses cons6quences philosophiques**. Paris: Verdier, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psychologie et p6dagogie de l'enfant: Cours de Sorbonne (1949-1952)**. Paris: Verdier, 2001.

ORTEGA Y GASSET, Jos6. “¿Por qu6 se vuelve a la filosofía?”. In: **Obras completas, t. IV, (1929-1933)**. 6. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1966.

SILVA, Marcella Marino Medeiros. “Raz6o e historicidade no 6ltimo Husserl”, In: **Scientiæ Studia**, S6o Paulo, v. 7, n. 4, p. 653-58, 2009.